

A geometria da poltrona 50

Rafaela de Sousa Melo

Tomé-Açu, Pará - Brasil

rafaelas.melo23@gmail.com

Mestranda em Educação - PPGED

Universidade Estadual do Pará - UEPA

<https://orcid.org/0009-0008-7515-0659>

Ainda era aurora quando o ônibus saiu de Belém. Aquele horário estranho em que a noite começa a desistir devagar enquanto o dia ainda tenta nascer. Não era mais escuridão completa, mas também ainda não havia luz suficiente para chamar aquilo de manhã. Talvez por isso a estrada parecesse suspensa num tempo indefinido, como se o mundo inteiro estivesse entre o que foi e o que ainda seria.

O ônibus seguia lotado rumo ao interior por causa do Dia das Mães. Sacolas nos corredores, crianças dormindo encostadas nas janelas, vozes baixas e aquele cansaço silencioso típico de quem passou a semana inteira esperando o momento de voltar para casa.

Escolhi a última cadeira. A poltrona 50.

Sempre gostei das últimas poltronas dos ônibus. Não pela solidão, mas porque elas parecem mais silenciosas. Ali, no fundo, o mundo vai ficando distante aos poucos e às vezes o sono chega antes mesmo da estrada realmente começar.

Na hora em que coloquei minha touca e meus fones de ouvido, tentando transformar a viagem apenas em silêncio, ouvi alguém falar comigo.

“Oi... tu é amiga da Laura, não é?”

Tirei um dos fones sem entender direito. Fiquei alguns segundos tentando lembrar quem era Laura.

“Sou...”, respondi devagar.



Ele sorriu.

“Tu talvez não esteja lembrando de mim. Faz seis anos que fui embora de Tomé-Açu. Sou primo da Laura.”

Foi então que reconheci alguma coisa no rosto dele. Não exatamente a pessoa, mas uma sensação antiga ligada àquela época.

Enquanto falava comigo, ele gravava um vídeo no celular.

“Olha, Laura... tua melhor amiga aqui no ônibus.”

Melhor amiga.

As palavras chegaram até mim como uma fotografia esquecida dentro de um livro antigo.

Hoje eu e Laura já não fazemos parte da rotina uma da outra. Não houve um rompimento dramático, nem grandes explicações. A vida apenas continuou acontecendo. Novas rotinas, novos caminhos, novos silêncios. O tempo fez seu trabalho invisível sem que percebêssemos.

Mas enquanto ele falava comigo, percebi algo estranho: quem vai embora parece carregar consigo versões congeladas das pessoas.

Talvez porque a distância conserve memórias como fotografias intactas.

Para ele, parte de Tomé-Açu talvez ainda estivesse exatamente como seis anos atrás. Talvez, em algum lugar da lembrança dele, eu e Laura ainda estivéssemos vivendo a mesma amizade, ocupando os mesmos lugares, sendo as mesmas pessoas.

Mas Tomé-Açu continuou andando.

Nós continuamos andando.

As pessoas que ficam seguem sendo atravessadas pelos dias. Mudamos lentamente sem perceber. Perdemos vínculos, criamos outros, amadurecemos, cansamos, sobrevivemos. O tempo aqui nunca parou.



E foi então que pensei na relatividade.

A matemática e a física dizem que o tempo não é absoluto. Einstein provou que diferentes trajetórias produzem diferentes experiências temporais. Dois corpos podem viver tempos distintos dependendo do movimento, da velocidade e do lugar que ocupam no espaço.

Talvez as relações humanas também funcionem assim, atravessadas por tempos subjetivos que a matemática consegue medir, mas nunca explicar completamente.

Quem parte entra em outro fluxo de tempo emocional. Já quem permanece continua sendo moldado pelos acontecimentos cotidianos. E quando essas trajetórias finalmente se cruzam novamente, os relógios internos já não marcam a mesma hora.

Enquanto eu pensava nisso, aconteceu um detalhe quase simbólico.

O dono da poltrona onde ele estava sentado chegou.

Ele olhou o bilhete e riu sem graça.

“Olhei o número errado... minha poltrona é a 49.”

E então sentou ao meu lado.

49 e 50.

Duas poltronas separadas apenas por um número, mas atravessadas por seis anos de tempos diferentes.

A neurociência sugere que memórias intensas resistem mais ao esquecimento. Talvez seja por isso que algumas pessoas continuem existindo dentro de nós mesmos depois de terem saído da nossa vida cotidiana. As lembranças desafiam a lógica linear do tempo.

Enquanto o ônibus avançava pela estrada ainda escura, percebi que existiam muitos tempos coexistindo naquele mesmo espaço.

O tempo físico da estrada.

O tempo emocional da saudade.



O tempo congelado das lembranças.

E o tempo invisível das pessoas que já não somos mais.

Talvez a aurora seja exatamente isso: um intervalo onde duas realidades convivem ao mesmo tempo. Nem noite, nem dia. Nem passado, nem presente completamente. Apenas transição.

Quando chegamos a Tomé-Açu, já eram 9h30 da manhã. O sol havia tomado o lugar da escuridão da estrada, mas parte de mim ainda permanecia naquela poltrona 50, tentando entender como o tempo consegue seguir em frente e, ao mesmo tempo, deixar tantas coisas paradas dentro da memória.



A geometria da poltrona 50

The Geometry of Seat 50

La geometría del asiento 50

Resumo

A crônica “A geometria da poltrona 50” reflete sobre diferentes percepções do tempo a partir de uma experiência vivida durante uma viagem de ônibus entre Belém e Tomé-Açu, na aurora do Dia das Mães. O reencontro inesperado com o primo de uma antiga amiga desperta reflexões sobre memória, distância, permanência e transformação das relações humanas. A narrativa articula elementos da matemática, da física e da neurociência, especialmente a teoria da relatividade e os processos de consolidação da memória, para discutir como diferentes trajetórias produzem distintos tempos emocionais.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Memória. Tempo. Relatividade.

Abstract

The chronicle “The Geometry of Seat 50” reflects on different perceptions of time through an experience lived during a bus trip between Belém and Tomé-Açu at dawn before Mother’s Day. An unexpected encounter with the cousin of a former friend awakens reflections about memory, distance, permanence, and the transformation of human relationships. The narrative articulates elements of mathematics, physics, and neuroscience, especially the theory of relativity and memory consolidation processes, to discuss how different trajectories produce distinct emotional times.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Memory. Time. Relativity.

Resumen

La crónica “La geometría del asiento 50” reflexiona sobre diferentes percepciones del tiempo a partir de una experiencia vivida durante un viaje en autobús entre Belém y Tomé-Açu, en la aurora previa al Día de las Madres. El reencuentro inesperado con el primo de una antigua amiga despierta reflexiones sobre memoria, distancia, permanencia y transformación de las relaciones humanas. La narrativa articula elementos de las matemáticas, la física y la neurociencia, especialmente la teoría de la relatividad y los procesos de consolidación de la memoria, para discutir cómo diferentes trayectorias producen distintos tiempos emocionales.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Memoria. Tiempo. Relatividad.

